

APRESENTAÇÃO

O número 21 da *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, primeiro semestre de 2013, está composto por onze artigos que tratam primordialmente de temas que envolvem questões sobre o conceito de identidade, constituições identitárias e memória, apresentando também outras reflexões acerca das relações entre a literatura e as políticas governamentais, o autoritarismo, a repressão e a censura nas suas mais variadas formas.

No artigo de abertura desta edição, **A morte como elemento cultural mexicano em *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo**, Ana Paula Cantarelli elabora uma proposta de leitura a partir do reconhecimento da morte, símbolo nacional mexicano que carrega características tanto de elementos europeus quanto indígenas, como um elemento constituinte da estrutura narrativa. A estruturação dessa ideia deveu-se a uma série de fatores, como uma concepção de purgatório associada aos *días de muertos* mexicanos, a uma estruturação do cenário natural do país, à constituição de um panteão nacional de inimigos mortais, além das inúmeras perdas humanas ocasionadas pelos espanhóis na ocupação do território e pela revolução. Contudo, na qualidade de símbolo mexicano, a morte carrega consigo uma característica que inicialmente não parece estar de acordo com esses elementos: a alegria, já que comumente é representada como um esqueleto brincalhão, maleável e, frequentemente, vestido. Considerando todos esses aspectos, a autora analisa como em *Pedro Páramo* a morte assume um papel central e de que forma os mortos se apropriam do controle da narrativa do romance.

O texto seguinte **Reflexos e refrações do poder e da violência em *O ovo*, de Caio Fernando Abreu**, de Deivis Jhones Garlet e Mara Lúcia Barbosa da Silva defende a ideia de que o discurso literário representa a realidade concreta das relações humanas de modo peculiar, apreendendo elementos constantes no meio ideológico (extraestéticos) e transformando-os esteticamente. Nesse trabalho, os autores objetivaram realizar uma leitura do discurso do conto *O ovo*, de Caio Fernando Abreu, pela perspectiva do reflexo e da refração do meio ideológico, no contexto de violência, de autoritarismo, de excessos do poder político estatal da ditadura militar

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

brasileira para analisar que funções os elementos extraestéticos, transformados esteticamente, podem cumprir, na narrativa e na realidade concreta.

Em **Identidades intransigentes em *A pianista* de Elfriede Jelinek**, Dionei Mathias busca refletir sobre o processo de construção de identidade na obra da autora austríaca. Essa reflexão parte da constatação de que as identidades dessas personagens podem ser caracterizadas como discursos repressivos e autoritários que procuram impor sua interpretação de realidade por meio de mecanismos de vigilância e uso de violência e que elas reproduzem nas suas narrativas pessoais a narrativa da nação e sua ideologia no tocante a não aceitação de versões alternativas de autorrepresentação. Nesse sentido, lançariam mão de estratégias diversas de subjugação, já que as palavras não mais representam um instrumento de diálogo, mas sim uma forma de demonstrar a imposição de um poder intransigente que acena com punição ao menor tipo de questionamento, até se chegar ao extremo da violência física.

Francisco Mateus Conceição, no texto ***Lavoura arcaica e as forças primordiais do romance***, analisa o romance de Raduan Nassar a partir dos cinco elementos constitutivos da estrutura narrativa: enredo, personagens, espaço, tempo e narrador. Essa opção justifica-se, segundo o autor, porque nessa obra tais elementos incorporam, em sua máxima potência, o caráter moderno do romance, enquanto tensão e complexidade. A análise se encaminha no sentido de comprovar que tais recursos podem servir como um caminho a ser percorrido no sentido de discutir também a constituição de uma memória e do poder patriarcal, aspectos relevantes desse universo narrativo, que também são objetos desta abordagem.

O artigo **Memórias da repressão: uma leitura de *Amada*, de Toni Morrison**, de Ívens Matozo Silva e Rosani Umbach, analisa o romance, no qual é apresentado um resgate da experiência afro-americana do período anterior e posterior à escravidão através das memórias de ex-escravos, para tanto são empregados os conceitos de memória subterrânea, memória traumática e memória coletiva. O trabalho busca também verificar quais são as funções dos processos mnemônicos presentes na narrativa.

João Luis Pereira Ourique em seu artigo **Identidades construídas e reconstruídas: a perspectiva do outro e a imposição de valores à cultura indígena** parte da discussão sobre a

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

necessidade de problematizar o conceito de identidade, que mesmo apresentando várias perspectivas e possibilidades, costuma ser naturalizado de uma determinada forma pelas pesquisas e acaba sendo visto como algo inquestionável. A discussão prossegue no sentido de refletir sobre as diversas interpretações acerca da construção do eu e do outro e sobre o entrecruzamento de olhares de culturas distintas, exemplificadas nesse artigo por indígenas e brancos ou indígenas e não índios, como é aqui proposto, e busca também apresentar como, de modo inconsciente, se dá a inculcação de valores e da tentativa de apagamento de uma forma de pensar a si mesmo.

Representações das condições de vida dos negros nos cronistas do período da abolição e nos diários de Carolina Maria de Jesus, de Luciana Paiva Coronel, apresenta um panorama, que se inicia no final do século XIX e se estende além da metade do século XX. A situação da população negra no contexto histórico que se seguiu à Abolição da escravatura é exposta por meio de registros de cronistas, viajantes e autores da época. A crônica do século XX, que apresenta um Brasil que passava por um período de modernização, marcado por uma grande expansão da indústria e de grandes movimentos migratórios, é apresentada pelo olhar e pelas memórias de quem não participava do grande banquete do desenvolvimento, através dos diários da papeleira mineira Carolina Maria de Jesus, organizado como livro sob o título *Quarto de despejo*, publicado em 1960.

O trabalho seguinte, **História e memórias em Palavra de honra de Ana Maria Machado**, de Mara Lúcia Barbosa da Silva, busca discutir como nessa obra, através da utilização de recursos narrativos distintos e por meio de histórias narradas de forma fragmentada, que formam um grande mosaico, são constituídas as memórias individuais e afetivas da família Almeida Almada, as memórias coletivas e históricas do Brasil, e de certa forma também as do Ocidente, memórias essas que se mesclam de forma indissociável.

Maristela Gonçalves Sousa Machado em ***La guillotine projetée sur scène: Les liaisons dangereuses (1982) de Laclos revisitées par Christopher Hampton dans l'Angleterre de Margareth Thatcher*** apresenta uma apanhado das várias e diversificadas versões/adaptações de *As relações perigosas*, de Choderlos de Laclos, e detém-se especificamente na releitura teatral de Christopher Hampton levada à cena na década de 80 do século XX. Para Machado, nessa adaptação, o dramaturgo inglês posiciona-se criticamente diante da política econômica liberal, que provocou fortes tensões sociais na Inglaterra, ao operar uma ousada modificação na intriga do romance,

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

infligir uma punição à personagem Madame de Merteuil, que não é resultado dos conflitos de vaidade e da disputa de poder entre os libertinos, mas sim é consequência das circunstâncias geradas pelo momento histórico que está sendo vivenciado.

Em *Os companheiros (uma história embaçada): as perspectivas em um período pós-traumático*, Priscila Luísa Strenzel e Mara Lúcia Barbosa da Silva analisam de que forma o período ditatorial brasileiro influenciou de maneira direta a vida da sociedade da década de 60 até a de 80, tanto no âmbito pessoal quanto artístico, e especificamente literário, como no caso do escritor Caio Fernando Abreu. Em alguns dos textos do autor, compostos na sua maioria por contos, são encontrados traços da repressão sofrida na época. Tais relatos, embora não descrevam de forma explícita a ditadura militar no Brasil, denunciam de forma sutil os desmandos do governo e a opressão responsável pela postergação e/ou extinção de sonhos, ideais e esperança de liberdade.

Encerra esta edição da revista o artigo de Rodolfo Rorato Londero, **Intelectuais envergonhados: censura de romances populares pornográficos e luta de classes durante o regime civil-militar brasileiro (1964-1985)**. No seu artigo, Londero discute o papel dos intelectuais durante o último regime civil-militar brasileiro (1964-1985), principalmente a indiferença em relação à censura de romances populares pornográficos, como os de Cassandra Rios e Adelaide Carraro, autoras enfocadas no estudo. O autor identifica duas condições específicas para essa situação: a “alienação” política e/ou a “inferioridade” literária das autoras, tornando-as cúmplices do “vazio cultural” que assolou a década de 1970; e a sensibilidade popular das autoras. E conclui que a indiferença dos intelectuais ratificou a censura do Estado.

Agradecemos aos autores que generosamente disponibilizaram seus textos para a vigésima primeira edição da *Revista Literatura e Autoritarismo*.

João Luis Pereira Ourique
Mara Lúcia Barbosa da Silva
Rosani Ketzer Umbach
(Organizadores)